

En Andrade, Everaldo de Oliveira, *Brasil: 200 anos de lutas e resistências do povo trabalhador*. São Paulo, SP (Brasil): Fundação Perseu Abramo; Hucitec.

O Brasil nação e as crianças nas celebrações de 1822, 1922, 2022 - Capítulo Brasil Nação e as Crianças Eduardo S N Nunes.

Nunes, Eduardo Silveira Netto.

Cita:

Nunes, Eduardo Silveira Netto (2023). *O Brasil nação e as crianças nas celebrações de 1822, 1922, 2022 - Capítulo Brasil Nação e as Crianças Eduardo S N Nunes*. En Andrade, Everaldo de Oliveira *Brasil: 200 anos de lutas e resistências do povo trabalhador*. São Paulo, SP (Brasil): Fundação Perseu Abramo; Hucitec.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/edunettonunes/21/1.pdf>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pOQa/sd8/1.pdf>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.



BRASIL

200 anos de lutas e resistências do povo trabalhador

Everaldo de Oliveira Andrade (Org.)

Ângela Maria de Sousa Silva | Berenice Gomes da Silva
Carlos A. Ferreira Martins | Cynthia Soares Carneiro
Eduardo Silveira Netto Nunes | Fernanda Rodrigues Galve
Francisco das Chagas Pereira | Francisco Elias de Araújo
Jean Pierre Chauvin | João Maurício Gomes Neto | John Kennedy Ferreira
José Sergio Gabrielli de Azevedo | Kátia Cilene do Couto
Lyndon de Araújo Santos | Marcelo Sampaio Carneiro
Márcia Regina Barros da Silva | Raimunda N. Monteiro | Ronald Rocha
Vitor Eduardo Schincariol | Zeneide Pereira Cordeiro



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

HUCITEC
EDITORA

A Fundação Perseu Abramo, por meio do Centro Sérgio Buarque de Holanda, organizou um conjunto de atividades por ocasião do marco oficial do bicentenário da independência do Brasil. A efeméride nos instigou a refletir sobre os projetos de nação em disputa e os percursos de resistência que seguem até os dias atuais, por um Brasil verdadeiramente livre e justo para todos. As atividades realizadas em parceria entre a FPA e um conjunto de organizações e universidades, colocaram em evidência a relação entre história e política, entre interpretações sobre o passado e projetos que desejamos e devemos lutar para nosso futuro. Ao contrário de uma história ufanista, apaziguada e homogênea, a tradição de luta da classe trabalhadora pela sua sobrevivência e organização política, e a ação e repressão do Estado nacional em relação a esta tradição, demarcam uma trajetória de conflitos permanentes entre as classes sociais

no Brasil. O marco histórico do 7 de setembro de 1822 não trouxe ao país liberdade e soberania para todo seu povo.

A independência do Brasil não encerrou o horrendo regime escravista que ainda submetia homens e mulheres negros à violência, exploração e desumanização. O processo de independência em 1822 ocorreu como uma pactuação entre as elites brasileiras do período, e continuou por perpetuar as desigualdades sociais que atravessam a história até os dias atuais. Desejamos uma boa leitura desse livro, que é fruto dessa série de eventos, alguns deles disponíveis no canal de YouTube da FPA.

— Elen Coutinho

Diretora da Fundação Perseu Abramo

BRASIL

200 anos de lutas
e resistências do povo trabalhador



F U N D A Ç Ã O

Perseu Abramo

Partido dos Trabalhadores

Fundação Perseu Abramo

Instituída pelo Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores
em maio de 1996.

Diretoria

Presidente: Paulo Okamoto
Vice-presidenta: Vívian Farias
Elen Coutinho
Naiara Raiol
Alberto Cantalice
Artur Henrique
Carlos Henrique Árabe
Jorge Bittar
Valter Pomar
Virgílio Guimarães

Diretora do Centro Sérgio Buarque de Holanda
Elen Coutinho

Diretor da Editora
Carlos Henrique Árabe

Coordenador editorial
Rogério Chaves

Assistente editorial
Raquel Costa
Sarkis A. Alves

Centro Sérgio Buarque de Holanda

Equipe e colaboradores
Guido Alvarenga
Irani Menezes
Juliana Sakai
Rafael Vieira
Sarkis A. Alves
Vanessa Nadotti

Fundação Perseu Abramo
Rua Francisco Cruz, 234 – Vila Mariana
04117-091 São Paulo – SP
Fone: (11) 5571 4299
www.fpabramo.org.br

BRASIL

200 anos de lutas e resistências do povo trabalhador

Everaldo de Oliveira Andrade (Org.)

*Ângela Maria de Sousa Silva
Berenice Gomes da Silva
Carlos A. Ferreira Martins
Cynthia Soares Carneiro
Eduardo Silveira Netto Nunes
Fernanda Rodrigues Galve
Francisco das Chagas Pereira
Francisco Elias de Araújo
Jean Pierre Chauvin
João Maurício Gomes Neto
John Kennedy Ferreira
Kátia Cilene do Couto
Lyndon de Araújo Santos
Marcelo Sampaio Carneiro
Márcia Regina Barros da Silva
Raimunda N. Monteiro
Ronald Rocha
José Sergio Gabrielli de Azevedo
Vitor Eduardo Schincariol
Zeneide Pereira Cordeiro*

Hucitec Editora
Fundação Perseu Abramo
São Paulo, 2023

© Direitos autorais, 2023,
da organização de Everaldo de Oliveira Andrade
© Direitos de publicação reservados por

Hucitec Editora Ltda.
Rua Dona Inácia Uchoa, 209
04110-020 São Paulo, SP.
Telefone (55 11 3892-7772)
lojahucitec.com.br

Fundação Perseu Abramo
R. Francisco Cruz, 234
04117-020 São Paulo - SP
Telefone (55 11 3892-7772)
fpabramo.org.br

Depósito Legal efetuado.

Direção editorial: MARIANA NADA
Produção editorial: KÁTIA REIS
Assessoria editorial: MARIANA TERRA
Circulação: ELVIO TEZZA

B823

Brasil : 200 anos de lutas e resistências do povo trabalhador / Everaldo de Oliveira Andrade (organizador). – 1ª ed. – São Paulo : Hucitec ; Fundação Perseu Abramo, 2023. – 300 p. : il. ; 23 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-8404-347-7 (Hucitec)

ISBN 978-65-5626-109-6 (Fundação Perseu Abramo)

1. História do Brasil. 2. Independência do Brasil. 3. Lutas populares. I. Andrade, Everaldo de Oliveira. II. Título.

CDD 981

Ficha catalográfica elaborada por Camilla Castro de Almeida CRB7/0041/21

SUMÁRIO

- 7 Apresentação
- 15 Entre a pompa e a bomba: do brado heroico à bravata mitomaniaca
Jean Pierre Chauvin
- 35 A nossa independência do Brasil e a deles: 200 anos de lutas do povo trabalhador
Everaldo de Oliveira Andrade
- 69 A independência conclusa na revolução tardia
Ronald Rocha
- 85 200 anos de xenofobia: a construção jurídica de um estado de exceção contra imigrantes e refugiados no Brasil
Cynthia Soares Carneiro
- 117 200 anos de independência: os protestantes evangélicos e a democracia no Brasil
Lyndon de Araújo Santos
- 141 O Brasil nação e as crianças nas celebrações de 1822, 1922, 2022
Eduardo Silveira Netto Nunes
- 165 Identidade e Modernidade. A Semana um século depois
Carlos A. Ferreira Martins
- 181 A contribuição de Nelson Werneck Sodré à historiografia nos 200 anos de independência do Brasil
Vitor Eduardo Schincariol

- 203 História da ciência, tecnologia e sociedade: panorama brasileiro
Márcia Regina Barros da Silva
- 215 200 anos de Brasil e a Amazônia: para onde vamos?
Kátia Cilene do Couto
- 219 Educação, ciência e democracia em contextos amazônicos. Ou a permanência de projetos colonizadores sob perspectiva histórica
João Maurício Gomes Neto
- 233 Os Waiwai vão à universidade
Raimunda N. Monteiro
- 255 Introdução ao debate sobre o Bicentenário da Independência no Brasil e no Maranhão
Fernanda Rodrigues Galve, John Kennedy Ferreira & Berenice Gomes da Silva
- 261 Autonomia e resistência religiosa
Francisco das Chagas Pereira
- 265 A Independência no Maranhão e Brasil
Francisco Elias de Araújo
- 269 Povos indígenas e a independência do Brasil
Zeneide Pereira Cordeiro
- 273 Desenvolvimento do Maranhão e do Brasil
Ângela Maria de Sousa Silva
- 279 Independência, História e movimentos sociais do Brasil
José Sergio Gabrielli de Azevedo
- 285 A economia maranhense e as cadeias globais de valor: elementos para uma estratégia de desenvolvimento
Marcelo Sampaio Carneiro
- 297 Sobre os autores e as autoras

O BRASIL NAÇÃO E AS CRIANÇAS NAS CELEBRAÇÕES DE 1822, 1922, 2022¹

Eduardo Silveira Netto Nunes

Quais crianças e quais infâncias foram representadas em momentos simbólicos e significativos que afirmavam projetos para a nação brasileira como na independência, e nas celebrações do seu centenário e bicentenário?

Em 2022, o Brasil celebrou e se pôs a pensar sobre as histórias que foram conformando e conformaram nossa trajetória como nação. Sujeitos e figuras que, se não fossem dotadas de poder e capacidade de interferir na realidade, seriam hilárias e anedóticas; exercitando a bufonice e a tolice encarnaram ufanos, passadistas e barbarizantes projetos de país, capitaneados por um certo Bolsonaro, convertendo 2022 em um triste palco-testemunho de celebrações tímidas em se tratando de um bicentenário.

¹ Este texto foi produzido como um ensaio e uma adaptação da palestra “O Brasil nação e sua relação com as crianças e os adolescentes”, realizada no curso “O Brasil 200 anos: para onde vamos?”, realizada dia 18 de maio de 2022, no Auditório Milton Santos, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

O projeto de construção das nações passa inevitavelmente pela delimitação de destinos desejados, almeçados, formulações que concebem um caminho a trilhar e um lugar de chegada. Desde o século XIX, de modo especial, esses projetos passaram a considerar a concepção de que era possível delimitar o caminho através da intervenção sobre as crianças, fabricando certas infâncias era possível garantir que a sociedade desejada seria efetivamente materializada. Dentro desses futuros ambicionados, cada vez mais, as crianças e os adolescentes foram identificados como componentes estratégicos para, através da modulação de seus corpos, de suas subjetividades, de suas existências, construir o devir da nação, seja qual fosse esse devir.

O processo de construção das crianças e dos adolescentes como recurso estratégico dentro dos projetos de formação das nações não foi “universal”, nem expressou um único modelo, ao contrário, por onde quer que se olhe, globo adentro, é possível observar temporalidades e iniciativas diferentes, mas que ao cabo buscaram colonizar crianças e adolescentes com as emanções advindas de projeções que os adultos destinavam a elas e que ao final acabavam delimitando limites dentro das quais a infância poderia ser construída². A formação do Brasil nação e a continuidade dos processos de construção da nação no transcurso do tempo, desde a independência até o nosso momento presente, foram atravessados por perspectivas que atribuíam lugares às crianças e às infâncias; expressavam representações relativas a uma e outra; e mobilizavam práticas e ações tendentes a reverter nas crianças as ambições dos adultos objetivando, através delas, garantir um determinado futuro nacional.

Aqui refletimos, brevemente, como em três momentos simbólicos das celebrações da nossa estruturação como Estado-nação – quais sejam a independência, o seu centenário em 1922, e o seu bicentenário em 2022 –, as crianças foram representadas simbolicamente através de incursões alegóricas em dados momentos dessas celebrações. Ademais, também refletimos sobre os sentidos atribuídos às crianças alegorizadas relacionando-as aos projetos de nação brasileira expressos através dessas crianças-alegorias, iniciando no período imperial, passando pelo período republicano e chegando em 2022 com uma república democrática sequestrada pelo elitismo, pelo fascismo à brasileira, pela militarização e pela desavergonhada extrema direita.

² Não ampliaremos este debate, mas sobre esse tema das múltiplas infâncias construídas, sugerimos: Stearns, 2008.

Antes das celebrações, as infâncias e as crianças na história

Não nos alongaremos neste assunto da significação e importância das crianças e dos adolescentes na história, como sujeitos efeitos da dinâmica sócio-histórica. Entretanto, como é negligenciada, constantemente, o *locus* de sujeitos-históricos a eles, escreveremos poucas linhas a respeito.

Partimos do pressuposto de que as crianças e os adolescentes possuem densidade sócio-histórica, o que quer dizer que existem e participam do processo social onde quer que estejam direta ou indiretamente, mais ativa ou passivamente, mais profunda ou superficialmente. Elas e eles se relacionam intensamente com os demais sujeitos e estes também se relacionam com elas e eles. Crianças e adolescentes importam às sociedades em que estão presentes e as constituem profundamente, mobilizam energias, ações, sentimentos, tempo dos adultos e da sociedade. Crianças e adolescentes, com suas densidades sócio-históricas provocam nos adultos a formulação das infâncias e a busca por conformar as experiências infantis aos seus projetos, suas intenções e ações o que não é de todo logrado pela ação concreta das crianças ao resistir, confrontar, modificar, impor-se e existir como um outro.

As crianças, a despeito de serem identificadas muitas vezes como meros objetos a serviço das intenções e das vontades dos adultos, compõem densamente as múltiplas realidades, implicando com suas existências densas a mudança no estado de coisas das sociedades, frustrando o mundo ideado pelos mais velhos, freando o ímpeto colonizador dos adultos e resistindo vão coproduzindo suas infâncias, infâncias necessariamente relacionais e relacionadas.

A produção sócio-histórica das infâncias são empreendimentos mobilizados pelos adultos ao longo dos tempos que pretendem conformar o caminho através do qual as experiências das crianças, dilatadas no tempo, se convertam em experiências infantis. Essas experiências são moduladas pelas prescrições dos adultos que, em relação às crianças, exercem relações de poder assimétricas. Entretanto, as crianças na experiência das suas infâncias ao existirem com densidade sócio-histórica, impedem de que sejam efetivamente meros fantoches da manipulação adulta. Sendo assim, definitivamente as crianças são sujeitos da história e as infâncias apresentam-se como a produção das sociedades e cabe a nós estudiosos do social enxergá-las.

Assim sendo, entendemos as histórias das infâncias de maneira complexa de modo que sempre é preciso levar em consideração diferentes variáveis como:

[...] a classe social (popular, elite, classe média, trabalhadora); o estamento social e origem étnica (indígena, escravizada, livre, nobre, branca, negra etc.); as diferentes experiências infantis (como trabalhadora, escravizada, institucionalizada, em situação de rua, guerreira, abandonada); os aspectos delimitadores do gênero; as instituições destinadas à infância (escolas, hospitais, clínicas de saúde, creches, berçários, clínicas de conduta, reformatórios, escolas especiais etc.); os saberes científicos dirigidos à infância e com ela envolvidos (pediatria, nutrição infantil, pedagogia, psicologia, psiquiatria infantil, antropologia criminal, assistência, serviço social, direito da criança); a produção de artefatos e indústrias destinadas à infância (literatura, jogos, instrumentos pedagógicos, equipamentos médicos, fármacos, alimentos especiais, brinquedos, mobiliário, vestimenta) (NUNES, 2011, p. 272).

De outra parte, “não existe, a bem-dizer, uma infância”, ao contrário, “existem várias experiências humanas que modelam a criança dentro de limites cronológicos determinados”, dentro destes tempos é que se “desenham a pessoa da criança ou a criança como pessoa sobrepõem-se às alteridades dos tempos sociais que delimitam o território onde cada um se faz” (FILHO; FERNANDES, 2007, p. 8).

E cada vez que “tomamos em conta a individualidade de uma criança, a especificidade de seu contexto histórico e o espaço de sua esfera de influência como ator social”; cada vez que “percebamos as crianças como capazes de efetuar mudanças no seu entorno político”; somos instados nas pesquisas a compreender a infância e as classes de idade “como categorias de análise e identidade social”, sendo contemplar nestas as dimensões interseccionais de “gênero, raça, identidade sexual, classe social”³ (ALBARRÁN, 2018, p. 16-17).

Algumas infâncias e crianças no início de nossa história como Estado-nação

As representações das infâncias e crianças no Brasil independente não deixam dúvidas da compreensão fundante da sociedade escravista baseada nas hierarquias sociais e na estruturação da sociedade brasileira composta, como bem

³ No original, o texto está em espanhol. Aqui apresentamos uma tradução livre feita pelo autor.

sabemos, equivocadamente, pelas “três raças”, quais sejam “indígena, europeia, africana”.

Para refletir um pouco sobre diversas infâncias pensadas e projetadas no início de nossa história como Estado-nação, utilizaremos três gravuras assinadas por Jean-Baptiste Debret, em publicação

As crianças, nas representações escolhidas, são atravessadas por concepções alegóricas nas quais pretende-se afirmar que cada uma seguirá o seu destino, que nada mais é que o destino dos seus antepassados: se indígena, animalizado, animalizado indígena será; se afro-brasileiro, cativado-barbarizado-incivilizado, cativado-barbarizado-incivilizado afro-brasileiro será; se euro-brasileiro, nobre-civilizado, nobre-civilizado euro-brasileiro será.

Na primeira litografia⁴, a composição reafirma o arquétipo de selvagem para os indígenas brasileiros, que vivendo em estado de natureza, se confundiriam com a paisagem, com o mundo vegetal, animal, mineral e que, tal como o cão latindo, estariam surpresos com a chegada civilização que, espreitando, chega sem saber se para assustar, matar, fazer amizade, submeter, mas preparada para enfrentar este mundo animalizado. Duas crianças ganham algum destaque na composição: uma bebê, acolhida pela mãe, sorve o leite como em um “ato da natureza”; já a outra ao lado, em uma linha simétrica aos europeus que chegavam “trazendo a civilização”, aparece abraçada pela floresta, distante da sua comunidade, brinca com o córrego, dando indício que está a nascer para a cultura “animalizada”, mas que ainda não fora definitivamente determinada pela natureza. Essa segunda criança é apresentada alegoricamente como o corpo que precisaria ser trabalhado, domesticado, civilizado para que o estado de coisas selvagem, no futuro deixasse de existir no nascente país.

⁴ Todas as imagens reproduzidas neste texto têm autorização implícita de uso por serem de domínio público ou estarem disponíveis em portais que autorizam o seu uso desde que citados. Todas as imagens estão com os devidos créditos arrolados nas referências bibliográficas.

Imagem 1. Aldea de cabocles a Canta-Gallo, 1834



ALDEA DE CABOCLES A CANTA-GALLO.

Fonte: Debret, 1834A.

A segunda litografia, por sua vez, já fora utilizada inúmeras vezes para representar aspectos da sociedade escravista e as relações de subordinação impostas às pessoas afro-brasileiras e ou africanas escravizadas. A composição indica claramente o local que cada qual tinha naquela sociedade. O senhor e a senhora sentados, comendo à mesa um pequeno banquete, mas que se torna gigantesco frente às privações alimentares a que eram submetidas as pessoas escravizadas, acompanhados ao fundo por servos em estado de prontidão para atender às vontades dos seus amos. As crianças, alegoricamente apresentadas como pessoas incivilizadas, comendo farelos de comida, simulando um momento transitivo entre a animalidade e a incivilidade servil. Pela imagem, as crianças e suas infâncias representavam um destino fatal, viver subalternizado comendo os restos da sociedade escravista senhorial, mas que, desde um ponto de partida incivilizado e animalizado, seria “domesticado”, para depois, como seus ascendentes, estar no seu local de destino, como coisa, servir passivamente seus amos. Os contornos exagerados das crianças, com seus abdomens e nádegas sobressalentes, reforçam estereótipos a respeito da compleição física dos africanos e africanas ou afrodescendentes, mas estabelece linha de continuidade determinista na formação da pequena pessoa

escravizada: ela seguirá o destino dos seus, semicivilizando-se, e submetendo-se aos “gigantes” senhores, desproporcionalmente representado nas imagens.

Imagem 2. Le Diner, 1834



LE DINER.

Fonte: Debret, 1834B.

Por sua vez, uma terceira litografia, também da lavra de Debret (1829), representando o casamento de d. Pedro I com a Princesa Amélia, explicita a representação da sociedade cortesã, apresentada com civilizada, indicando as ordens de poder vigentes – o poder clerical, temporal –, o lugar que os euro-brasileiros ocupam na hierarquia social. Chama a atenção para a ausência quase total de não brancos na composição, reafirmando que naquele espaço, negros e indígenas, não fazem parte. As crianças presentes na imagem, em destaque o futuro d. Pedro II ladeado pelas irmãs, não estão ali por serem crianças, mas por representarem o dever da nobreza; não importam por viverem a infância, mas sim por serem o futuro da monarquia e da linhagem. Seja como for, a representação da manutenção do poder e daquela ordem no futuro se dá pela alegorização das crianças não como tal, mas como projeção do dever.

Nas três imagens, as crianças não são representadas como elas mesmas, mas como alegorias que predizem o seu lugar no presente e o seu destino determinado. Em uma sociedade escravista absolutamente hierarquizada, a perspectiva é de que cada qual deveria permanecer no seu local, e a história deve ser apenas a reprodução no devir do *status quo* e as infâncias seriam apenas suportes para uma experiência definitiva de viver a antecipação do tempo vindouro.

Imagem 3. Mariage de S.M.I.D. Pedro, 1829



Fonte: Debret, 1829.

Alegorias das infâncias nas celebrações do Estado-nação

É inconteste que as celebrações de atos apresentados como fundacionais nos Estados nacionais, entendidos como modernos, ganharam significância com o passar do tempo e foram passando por modificações. Celebrar a criação de um país em 1822, envolto em perspectivas românticas, era diferente de celebrar o centenário deste mesmo Estado-nação atravessado por perspectivas positivistas e modernizadoras, que era diferente de celebrar o seu bicentenário coordenado por um regime militarizado, bufônico e protofascista do bolsonarismo em 2022.

Ao colocar em um mesmo tempo de análise três tempos históricos, assíncronos e com dicções peculiares, temos consciência das distâncias que atravessam cada qual, mas aqui pretendemos observar como as infâncias foram alegoricamente construídas nesses três momentos que buscaram condensar através desses projetos peculiares de sociedade.

Começamos com a observação de um peculiar objeto que compôs parte da cenografia produzida para celebração do espetáculo de comemoração da coroação de d. Pedro I, após a independência, qual seja, o “Pano de boca”⁵ (imagem 4). No centro da composição, temos a representação do império entronado, em suas mãos a lei e a espada, dos quais a nova ordem nacional seria irradiada e construída, sob o seu beneplácito e sua nobreza. Deste centro que a tudo e a todos atrai, emana a luz que ilumina os personagens, e os orientará no caminho do futuro nacional.

Imagem 4. Rideau d'avant scène exécuté au Théâtre de la Cour, pour la représentation d'apparat: à l'occasion du Couronnement de l'Empereur D. Pedro 1er., 1839



Fonte: Debret, 1839.

O claro e escuro também pretende dizer o que deveríamos deixar para trás, o que é o passado que será abandonado. O passado recusado como permanência e

⁵ Pano de boca é um elemento que compõem o palco de teatros, sendo uma espécie de cortina que abre e fecha para o palco ficar à mostra, sendo alçado e descido com um todo. Fechado, ele parece um grande mural.

herança seria o passado selvagem, na imagem representado pelos povos indígenas, todos eles presentes com rostos majoritariamente borrados e desenhados sob uma névoa e uma tonalidade escurecida, atrás do trono. A nova ordem seria construída sob a veste da civilização, mesmo que escravista, o que não foi colocado como problema no “Pano de boca”, ao contrário, assim como as pessoas submetidas à escravidão entregavam-se à nação que brotava, também as pessoas livres aderiam com seus corpos, suas armas, seu labor, seus filhos a esse empreendimento.

É de destacar a evidente importância dada às crianças (imagem 5), explicitando representações sobre a infância, alçadas ao lugar de alegorias expressivas do projeto de futuro nacional. Em uma leitura impressionista⁶, teríamos crianças-bebês representando as “três raças”, indígenas, negras e brancas. Cada qual encarnando um determinado lugar na escala social e sendo “entregues” pelos seus pais à nova ordem que os acolhendo, acabaria por os conformar como sendo os primeiros nacionais desde o nascimento! O povo brasileiro estaria perspectivado no devir desses bebês.

Imagem 5. Destaque da imagem 3



Fonte: Debret, 1839.

⁶ As intenções e sentidos “originais” da obra foram explicitados por Debret (1940, p. 274-276).

Assim sendo, a infância como alegoria, aqui, expressava uma representação que utilizava a infância como um recurso narrativo para falar menos dela infância do que do futuro concebido para aquela sociedade: uma sociedade ordenada desde o eixo do poder imperial, que conduziria o povo brasileiro, negro e branco, à civilização. Interessa mencionar que um bebê indígena também é oferecido neste concerto, à esquerda ao fundo, mas como ele parece estar distante desse projeto, como indígena, a composição parece representar que desde este lugar de indígena, essa criança não teria lugar na civilização brasileira.

Passado um século da independência, em 1922, diversas celebrações foram realizadas com diferentes propósitos para marcar o momento, revisitar o passado, fazer balanços, e projetar novos caminhos. Esse foi um ano de efervescência em tais aspectos. O Brasil acolheu a Exposição Universal, famosa desde as últimas décadas do século XIX, como marco da construção da “civilização” (PESAVENTO, 1997).

Nas questões envolvendo as infâncias também se aproveitou a ocasião para a realização de dois grandes eventos um nacional e outro internacional: o primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância e o terceiro Congresso Americano da Criança – chamado a partir do quarto de “Congreso Panamericano del Niño”, ocorrendo até os dias atuais (KUHLMANN JÚNIOR, 2001; NUNES, 2011). Dentro dessas atividades, apresentou-se diagnósticos, balanços de ações, projetos a serem realizados para as crianças em diversas direções e contemplando diferentes aspectos sendo muito comum a perspectiva reformista que deveria ser adotada para fomentar uma suposta civilização brasileira, higienizada, moralizada, domesticada, ordeira.

Apesar dos diversos eventos, monumentos e atos celebrativos do centenário da independência não atenderem obrigatoriamente a uma única diretriz, era comum que reverberassem prédicas eloquentes em favor da civilização, em tons ufanistas. Assim o foi na construção do Monumento à Independência (imagem 6), financiado pelo Estado de São Paulo, executado pelo artista italiano Ettore Ximenes, na região do Museu do Ipiranga, na cidade de São Paulo, dentro de uma intervenção monumental em alusão à independência ainda que reverberando aspectos “tradicionais/clássicos” em termos artísticos (MONTEIRO, 2017, p. 378-379).

Imagem 6. Monumento à Independência, 2013



Fonte: Wikipédia, 2013⁷

Do conjunto monumental, apenas a parte em alto relevo (imagem 7), no térreo, foi entregue em 1922, o restante o fora anos mais tarde (MONTEIRO, 2017, p. 394, 409). O alto relevo, em parte, foi estruturado, com forte inspiração no quadro “Independência ou Morte” de Pedro Américo que se faz presente no Museu do Ipiranga, tendo algumas óbvias modificações, entre as quais incluem-se as presenças de crianças na composição: uma bebê, e outra um pouco maior.

⁷ Todas as fotos deste capítulo podem ser acessadas coloridas nos respectivos *links* de cada uma.

Imagem 7. Alto relevo do Monumento à Independência



Fonte: Wikipédia, 2017.

A primeira criança, atrás de um cavalo conduzido por um cavaleiro encenando os dragões da independência, parece participar do ato de independência estimulando com o braço a que o cavalo fosse adiante, e logo que a formação do país era fruto tanto de atos heroicos, como de atos singelos. A criança é retratada classicamente, parecendo quase um deus grego não fosse a manifesta pobreza do traje, os pés descalços e um ramo de alguma árvore nas mãos.

Imagem 8. Detalhe, Criança atrás do cavalo, 2013



Fonte: Monteiro, 2017, p. 357

A segunda criança (imagem 9), uma bebê, com traços de bambina (menina italiana, nacionalidade do artista) por sua vez, aparece bem à esquerda, nos braços semiflexionados de sua mãe, com os braços estendidos para o centro da composição como que sendo chamada e entregue à nação que faria dela uma adulta plenamente brasileira! A cena, um tanto confusa e ruidosa, faz mãe e bebê serem acompanhadas ao fundo por um sobe e desce de soldados e cavaleiros, como que chegando para comemorar a novidade, bem como, à frente, um homem de torso nu, carroceiro, trabalhador, de feições mestiças, segurando os bois e suas cangas, sem maior expressividade que uma leve surpresa contrasta com a dimensão jubilosa que o evento pretendia afirmar.

Imagem 9. Detalhe, Criança no colo da mãe, Monumento à Independência, 1922



Fonte: Monteiro, 2017, p. 357

Seja como for, a representação da infância acaba por continuar mantendo-a como uma alegoria que procurava falar das expectativas com a formação de uma grande nação brasileira, ao mesmo tempo em que a grandiosidade do monumento confirmava que já éramos um grande país. Destaca-se que nessa nação em formação, nessa celebração do “início” da nação, o bebê escolhido não seria afrodescendente ou indígena, nosso futuro civilizado seria com traços europeus, bem concorde com os projetos das oligarquias então vigentes.

E, com tantas idas e vindas; golpes; levantes; resistências; rebeldias; retrocessos; “avanços”, como seria a representação das infâncias no nosso bicentenário das independências? As infâncias seriam compreendidas com diversidade,

pluralidade, generosidade, respeito e como sujeitas de direito? Continuaríamos a ter, através das infâncias, alegorias dos projetos dos adultos sem levá-las em consideração como pessoas com densidade sócio-histórica?

Quando preparamos a primeira versão deste texto, em maio de 2022, nos perguntávamos como a infância seria representada e com que sentido nas celebrações do bicentenário no governo então vigente, sob a presidência do ruidoso Jair Bolsonaro? As inúmeras mostras de tolice, de despreparo, de concepções ultrapassadas de infância prenunciavam possíveis respostas. Respostas eram dadas aqui e acolá sobre o uso alegórico da infância para retratar projetos de sociedade. Aos mil dias do governo, há cerca de um ano dos 200 anos de independência, foi dada uma dessas respostas (imagem 10).

Imagem 10. Presidente do Brasil com criança portando simulacro de fuzil 1, 2021



Fonte: Nunes, 2021.

Na ocasião, em Minas Gerais, em um ato televisionado nacionalmente, um pequeno menino, vestido com simulacro de farda militar e de um fuzil (imagem 10), foi levado ao palco e posto sentado ao lado do então presidente. Se não bastasse a presença da criança, o presidente foi ao microfone e deu destaque às vestes e à arma do menino, dizendo:

Estou com quase 70 anos, quando eu era moleque eu brincava com isso, com arma, com flecha, com estilingue. Assim foi criada a minha geração e cresce-

mos homens fortes, sadios e respeitadores. [...] Meu cumprimento aos pais desse garoto por estarem emprestando o moleque pra dar um exemplo aqui de civilidade e patriotismo e de respeito (TEMPO, 2021).

Inquestionavelmente a utilização do menino que, de tão pequeno, não parecia entender muito bem (imagem 11) o que se passava, para através dele enunciar um projeto de passado, qual seja, o futuro de nossa nação seria voltarmos para trás, ser “como éramos” acaba por expressar, de fato, uma visão muito distorcida do que é ser criança e viver a infância não de 70 anos atrás, mas de 2021, com uma pandemia, desigualdade, desemprego estrutural, com desestruturação de políticas públicas. Para esse projeto de passado, militarizado e viril, as infâncias teriam que mais uma vez se submeter aos desígnios, à insensatez, à tolice de certos adultos e aprender a “virilidade”, armamentismo, obediência servil a quem tem farda pois, assim, chegaríamos a nossa “civilidade e patriotismo e de respeito”!

Imagem 11. Presidente do Brasil com criança portando simulacro de fuzil 2, 2021



Fonte: Nunes, 2021.

A celebração do bicentenário, patrocinada desde o chefe de Estado brasileiro, como bem sabemos, foi sobretudo expressada desde as perspectivas marciais, militarizadas, de ode às armas, de recusa à realidade das diferenças, à promoção da redução das desigualdades. Ademais, tivemos uma celebração condizente com quem exercia a presidência da República à época, Jair Bolsonaro, apequenada, envergonhada, ufanista, anacrônica, que entoava glória ao passado, mas oferecia um projeto de futuro medíocre, desarrazoado e, em parte, genocida.

As crianças e as infâncias nessa celebração suportavam, ao invés das celebrações anteriores que pensavam na infância como alegoria do futuro da “civilização brasileira”, a infância como alegoria do passado, da ideia de que nelas, os então governantes reacionários, conseguiriam implantar um Brasil e uma nação que já foi: machista, submissa ao autoritarismo, militarizada, racista, sexista, intolerante, desigual, elitista. Segundo essa concepção, através das infâncias nós “voltaríamos” para trás.

Um dos “momentos” altos da celebração em 2022 foi o mórbido recebimento do coração de d. Pedro I. Na cerimônia que envolveu essa entrega, a presidência da República foi ladeada por crianças que corporificam o “retorno” ao passado, qual seja, a militarização da educação, o culto à personalidade (imagem 12 e 13). Chama a atenção o tratamento desigual dado às crianças de uma escola regular de ensino fundamental do Distrito Federal (Escola 16, de Ceilândia), e aquela outra vinculada aos militares, o colégio militar dom Pedro I. Às militarizadas foi dada uma atenção central e destacada, participando diretamente dos momentos de maior visibilidade. Quanto às demais, um papel secundário.

A despeito de, no 7 de setembro, em Brasília, muitas crianças terem perfilado no desfile cívico, as representações oficiais da infância foram praticamente inexistentes, e como essa infância como alegoria, até sendo uma omissão desavisada por não haver essa alegorização, era expressiva. As infâncias não eram contempladas, seriamente, como sujeitos atravessados pela historicidade, pelos dilemas de seu tempo presente, eram infâncias ausentes do imaginário dos adultos a comandar a nação. Diversionismos de “menino veste azul, menina veste rosa”, “escola cívico-militar”, “família tradicional”, “Deus acima de todos”, ocultavam a falta de projetos concretos de futuro para as infâncias da nação, enquanto isso, os índices de violência intradoméstica ou não (de caráter sexual ou não) contra crianças e adolescentes chegavam a números muito escandalosos; o juvenicídio (assassinato de adolescentes e jovens) ceifava a vida de milhares de filhos, sobrinhos, parentes, netos; as crianças yanomamis passavam por privações e violações de direito de toda ordem, combinada com omissivas condutas de gestores

públicos e um quase estímulo de altas autoridades da república à instalação de garimpos ilegais nas terras indígenas.

Imagem 12. Coração de d. Pedro I, 2023



Fonte: Agência Brasil, 2022B.

Imagem 13. Coração de d. Pedro I



Fonte: Agência Brasil, 2022B.

Denúncias sobre a ocorrência dessas violências já se faziam chegar aos holofotes da mídia e autoridades, clamando por auxílio, proteção e garantia de direitos dos povos indígenas afetados. Cenas como a da imagem 14 circularam no país ainda em 2021, no ano do bicentenário, 2022, elas continuaram, mas foi apenas em 2023 que passaram a de fato movimentar o governo federal, agora já sob a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, para enfrentar o que se colocava como mais um genocídio perpetrado contra os povos indígenas.

Imagem 14. Criança yanomami adoecida e subnutrida, 2022



Fonte: Brasil de Fato, 2022.

Considerações finais

Quase um milagre se abateu sobre a nação brasileira com o resultado das eleições presidenciais de 2022, na qual Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito presidente da nação, isso porque, não sem dificuldades, a crença e certeza de que os projetos de Brasil ativos, inclusivos, cidadãos, reluzentes, dignificadores, passaram a ser novamente possíveis. Crianças e suas infâncias poderão se desenvolver, potencialmente, sendo consideradas como sujeitas de direito, com densidade sócio-histórica, protagonistas de seus destinos que são individuais e coletivos. O Brasil voltou a sonhar que pode tornar a construir um novo país, uma nova nação, juntos e juntas, com o povo, com as pessoas!

Neste Brasil, crianças poderão brincar, sonhar, conviver, plantar, germinar, crescer... sorrir... acalantar e ser acalentado... atuar... reivindicar... decidir!

Referências

- AGÊNCIA BRASIL. “O presidente Jair Bolsonaro participa da cerimônia oficial de chegada ao país do coração de Dom Pedro I”. Brasília, DF: Agência Brasil, 2022A (Foto de Marcello Casal Jr., em 23/08/2022) Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2022-08/o-presidente-jair-bolsonaro-participa-da-cerimonia-oficial-de-chegada-ao-pais-do-coracao-de-dom-pedro-i-1661291042>. Acesso em: 18 dez. 2022.
- AGÊNCIA BRASIL. “O presidente Jair Bolsonaro participa da cerimônia oficial de chegada ao país do coração de Dom Pedro I, no Palácio do Planalto”. Brasília, DF: Agência Brasil, 2022B (Foto de Valter Campanato, em 23/08/2022) Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2022-08/o-presidente-jair-bolsonaro-participa-da-cerimonia-oficial-de-chegada-ao-pais-do-coracao-de-dom-pedro-i-1661290592>. Acesso: 18 dez. 2022.
- ALBARRÁN, Elena Jackson. “Infancias y Juventudes en la historia latinoamericana (siglo XX)”. In: AREND, Silvia Maria Fávero; MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de; SOSENKI, Susana (Org.). *Infâncias e Juventudes no Século XX: histórias latino-americanas*. Ponta Grossa, PR: Todapalavra, 2018, p. 13-17.
- BRASIL DE FATO. “Governo Bolsonaro quer aprofundar privatização da saúde indígena, alertam organizações”. *Brasil de Fato*, 2022 (matéria de 09/01/2022). Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/09/governo-bolsonaro-quer-aprofundar-privatizacao-da-saude-indigena-alertam-organizacoes>. Acesso: 05 maio 2022.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Aldea de cabocles a Canta-Gallo*. Litografia. Paris: Firmin Didot Frères, 1834A. Disponível em: <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47df-7785-a3d9-e040-e00a18064a99>. Acesso: 01 maio 2022.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Le diner*. Litografia. Paris: Firmin Didot Frères, 1834B. Disponível em: <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47df-7977-a3d9-e040-e00a18064a99>. Acesso: 01 maio 2022.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Mariage de S.M.I.D. Pedro 1er avec la Presse. Amélie de Leuchtenberg*. Litografia. Paris: Firmin Didot Frères, 1829. Disponível em: <https://www3.al.sp.gov.br/repositorio/noticia/N-07-2012/fg116472.jpg>. Acesso: 01 maio 2022.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Rideau d'avant scène exécuté au Théâtre de la Cour, pour la représentation d'apparat: à l'occasion du Couronnement de l'Empereur D. Pedro 1er*. Paris: Firmin Didot Frères, 1839. Disponível em: <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47df-7bb2-a3d9-e040-e00a18064a99>. Acesso: 01 maio 2022.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Tomo II, Volume 3. Trad. Sérgio Micelli. São Paulo: Livraria Martins, 1940. Disponível em: <https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/linkPdf.php?pdf=10014152-1.pdf>. Acesso: 01 maio 2022.

- KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. *As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais* (1862-1922). Bragança Paulista: USF/CDAPH, 2001.
- LOPES, Alberto; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; FERNANDES, Rogério; J. “Introdução”. In: LOPES, Alberto; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; FERNANDES, Rogério; J. (orgs.). *Para a compreensão histórica da infância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 7-9.
- MONTEIRO, Michelli Cristine Scapol. *São Paulo na disputa pelo passado: o “Monumento à Independência”, de Ettore Ximenes*. Tese. Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-13062017-132316/publico/MichelliCristineScapolMonteiro.pdf>. Acesso: 01 maio 2022.
- NUNES, Eduardo Silveira Netto. “Presidente do Brasil com criança portando simulacro de fuzil, 2021”, 1 e 2. São Paulo: registro do autor, 2021.
- NUNES, Eduardo Silveira Netto. *A infância como portadora do futuro: América Latina, 1916-1948*. Tese. História Social, USP. 2011. Disponível em: https://www.theses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-26102011-005044/publico/2011_EduardoSilveiraNettoNunes_vCor.pdf.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- STEARNS, Peter N. *A Infância*. Contexto: São Paulo, 2008.
- TEMPO. “Bolsonaro vem a BH anunciar privatização do metrô: acompanhe ao vivo”. Youtube, 30 de set. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hwJpHzetTUQ>. Acesso: 05 maio 2022.
- WIKIPÉDIA. *Monumento à independência*. (Foto de Zé Carlos Barretta). 2013. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c4/Monumento_%C3%A0_Independ%C3%Aancia_02.jpg. Acesso: 01 maio 2022.
- WIKIPÉDIA. *Monumento à independência*, alto relevo. (Foto de Mike Peel). 2017. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/69/Olhares_sobre_o_Museu_do_Ipiranga_2017_021.jpg. Acesso: 01 maio 2022.